



# Boletim

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

www.ufmg.br e-mail: boletim@reitoria.ufmg.br

Nº 1.273 - Ano 26 - 24.04.2000

Eberfaol



## Um lugar que transpira música

Uma Escola que abriga a Gerais Bing Band, a Orquestra Sinfônica, o Coro de Câmara e o Grupo de Percussão não poderia respirar outra coisa que não fosse a música. Uma música que não se limita aos muros da Universidade, mas que atinge outros cantos da cidade, já que possui 500 alunos matriculados nos seus cursos de extensão. Essa vocação extensionista é uma das marcas registradas da Escola de Música, que esta semana completa 75 anos.

**Página 4**

## Vestibular da UFMG só em Minas

O reduzido número de candidatos que concorreram ao Vestibular 2000 levou a UFMG a suspender a realização do concurso fora de Minas Gerais. Em compensação, cinco cidades próximas a Belo Horizonte sediarão os exames em 2001: Contagem, Sete Lagoas, Conselheiro Lafaiete, Divinópolis e João Monlevade.

**Página 3**

## Editora lança livro póstumo de Iglésias

**Página 8**

## Engenharia desenvolve nova técnica para tratar esgotos

Um novo método de tratamento de esgoto, baseado na combinação de técnicas aeróbicas e anaeróbicas, acaba de ser desenvolvido no Laboratório de Instalações Piloto da Escola de Engenharia. O sistema, capaz de eliminar mais de 90% dos resíduos orgânicos, gerou sete dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, de autoria da professora Carmela Maria Polito Braga, do departamento de Engenharia Eletrônica.

**Página 5**

Em função do recesso da Semana Santa, esta edição circula com data de 24 de abril. Na próxima semana, a publicação voltará a sair na quarta-feira.

# O Provão e o Metropolitano de Moscou

João Baptista Villela\*

Mesmo nos piores anos da chamada “guerra fria”, sempre houve, de parte a parte, pessoas de boca-vontade que, de um lado e outro, trabalhavam pela distensão. Um dos instrumentos imaginados para melhorar as relações Leste-Oeste no mundo foram visitas de intercâmbio que americanos deveriam fazer à União Soviética e soviéticos aos Estados Unidos. Esperava-se que destes contatos pudesse resultar um melhor conhecimento recíproco. E daí, quem sabe, um desarmamento de espíritos que ajudasse na preservação da paz. Contou-me, a propósito, o Dr. Jürgen Samtleben, eminente pesquisador da Sociedade Max Planck, em Hamburgo, que, por ocasião de uma de tais visitas, levaram um cidadão norte-americano a conhecer o metrô de Moscou, que sempre foi motivo de orgulho da *Nomenklatura* soviética. Servia para demonstrar que o comunismo era capaz de produzir não apenas uma sociedade justa, mas também coisas bonitas e funcionais. Depois de fazer o americano maravilhar-se com o brilho e o asseio das instalações, o soviético que o acompanhava passou a destacar a impecável pontualidade dos trens. Para comprová-lo, dispôs-se a um teste. Levou o americano até o quadro da estação onde estavam afixados os horários e sugeriu que aguardassem ali, justos três minutos, que era o tempo em que devia assomar um dos imponentes trens da rede metropolitana de Moscou. Passam-se os três minutos e o trem não chega. Dez minutos, nada de trem. Mais vinte minutos e o atraso persiste. Visivelmente desconcertado e não sabendo como explicar a falha do que seria o *mais que perfeito* sistema de transportes de Moscou, vira-se o funcionário para o americano e diz: “Está bem, o nosso trem atrasou. Mas, de outra parte, vocês americanos tratam muito mal os seus negros!”.

Ocorreu-me esta anedota a propósito do artigo publicado pela Professora Maria Dirlene Marques na coluna *Opinião* do BOLETIM, em sua edição de 16 de fevereiro.

Ao contrário do funcionário soviéti-

co, a Autora não está preocupada em exibir coisa alguma, mas insiste em falar mal do Provão, porque a universidade, em geral, não vai bem. Todos concordam que não vai bem. Mas será justo responsabilizar o Provão – uma iniciativa a bem dizer recém-implantada – por um mal que tem raízes tão antigas e tão complexas?

No seu texto, a Professora faz reparos ao Provão enquanto medida avaliatória. Admito que possa haver procedência em alguns de seus comentários. Suponho mesmo que outras imperfeições mais o estejam comprometendo, que na sua metodologia, quer na sua aplicação. Como integrante da Comissão do Curso de Direito, desde o primeiro Provão até o que se acha em preparo neste ano de 2000, posso assegurar que outra coisa não temos feito – a Comissão de Direito e a equipe do INEP – que perseguir implacavelmente, a cada exame realizado, os erros e limitações apurados, ao mesmo tempo que nos empenhamos em alcançar níveis crescentes de excelência. O progresso na qualidade do exame é visível e a abertura de que a Comissão dispõe junto ao INEP para fazer valer suas idéias reformistas é ilimitada. Embora me falte a experiência pessoal, tenho tudo para acreditar que com as outras comissões não seja diferente.

Preocupado desde o início de minha carreira docente com a qualidade do ensino jurídico, não conheço no Brasil ou no Exterior iniciativa que se compare ao Provão, em coragem e amplitude, no seu empenho de mudar o perfil dos cursos de direito. Ignorar o quanto já se ganhou nessa matéria, para fazer ressaltar eventuais deficiências ainda subsistentes, traz a marca inconfundível dos movimentos reacionários no que eles têm de mais obscuro e obscurantista. Ou seja: à míngua de análise crítica, rejeita-se o novo em bloco.

Atribuir ao Provão, como faz a Autora, ser “parte de um projeto de universidade que apenas ensina a fazer” é dar-lhe uma importância que ele, penso eu, nunca pretendeu ter. Faz supor que haja em alguma instância secreta de poder, fora do controle das instituições democráticas e do acompanhamento da opi-

nião pública, um plano pouco menos que diabólico e de sofisticadíssima urdidura, capaz de iludir, contra todas as aparências, a percepção de uma centena de eminentes professores, recrutados entre as melhores universidades do País. Pois são eles que definem os objetivos do Provão, cuja matriz legal, de resto, é uma lei votada pelo Parlamento. Ilaqueados em sua boa-fé, estariam estes docentes agindo para impor à Nação o aniquilamento de suas instituições de ensino superior. Esta na mais benevolente das hipóteses. Porque, na sua letra, o texto da Professora não exclui que estejam, todos, pondo sua consciência e seu saber intencionalmente a serviço das trevas. Trevas que já se teriam abatido sobre a *alma mater* da cultura nacional, pois, segundo a Autora, por medidas como o Provão, a Universidade “permitted” que o Governo a “desmoralizasse”. Essa proposição merece ser melhor considerada em seu conteúdo semântico. O Provão, sabe-se, consiste em avaliação. Boa ou má, não mais que uma avaliação. Se uma simples avaliação tem o efeito de *desmoralizar*, de duas uma: ou a avaliação foi inadequada – e então é ela mesma que se desmoraliza –, ou é o objeto da avaliação que não é bom. E nesse caso a desmoralização, antes que um resultado perverso, terá sido um efeito saudável e útil.

Encerra a Professora Maria Dirlene Marques o seu artigo com a afirmação textual de que “o Provão não passa de mais um instrumento de destruição da universidade que produz conhecimento e de construção da universidade utilitarista”. Mais contundente, impossível. Será, porém, verdadeiro? Visões conspiratórias como essa começam por investir na força do impacto. E terminam por dispensar a quem as enuncia do dever primário de as demonstrar.

\* Professor Titular da Faculdade de Direito da UFMG e membro da Comissão do Curso de Direito do Exame Nacional de Cursos (Provão)

# Vestibular 2001 só será realizado em Minas

O pequeno número de candidatos ao Vestibular 2000 que fizeram provas fora de Minas Gerais motivou a UFMG a concentrar, no estado, a realização do próximo concurso. Assim, Curitiba (PR), Niterói (RJ), Fortaleza (CE) e Brasília (DF) não voltarão a abrigar o Vestibular 2001, que acontece em dezembro e janeiro próximos.

De acordo com o pró-reitor de Graduação e presidente da Comissão Permanente do Vestibular (Copeve), José Nagib Cotrim Árabe, o número de candidatos no restante do país ficou muito aquém do esperado. "Dos 77.702 inscritos, apenas 3.407 (4,4%) fizeram provas fora de Minas. Destes, 119 foram aprovados (2,8% do geral) e 60 (1,4%) se matricularam como alunos da UFMG", detalha o pró-reitor. Outro fator que motivou a suspensão do concurso em outros estados, segundo Nagib, foi a grande procura por um único curso. Só o de Medicina foi responsável por 51% das inscrições, enquanto o restante dos candidatos dividiu-se entre os outros 52 cursos oferecidos pela UFMG.

A suspensão das provas em outros estados, no entanto, não vai acabar com a descentralização do vestibular. "A participação dos municípios mineiros vai aumentar, pois estamos no limite operacional para atender os candidatos que fazem prova em BH", explica Nagib. Na edição passada, cerca de 65 mil candidatos fizeram os exames na capital mineira.

Para diminuir o fluxo em Belo Horizonte, a primeira etapa deverá ser realizada em mais cinco cidades localizadas nas proximidades da capital: Contagem, Sete Lagoas, Conselheiro Lafaiete, Divinópolis e João Monlevade. Espera-se que 15 mil candidatos façam provas nestes municípios.

Em relação aos exames nas cidades-pólo, a organização do concurso também reserva alterações. No Triângulo Mineiro, por motivos operacionais, deverá haver a substituição de Ubertândia por Uberaba; e, no Sul, Lavras poderá ter a compa-

nhia de Varginha ou Pouso Alegre ou até mesmo ser trocada por uma destas duas cidades. Governador Valadares, Juiz de Fora e Montes Claros permanecem abrigando os exames.

## Aptidão específica

Outra mudança certa será a realização dos exames de aptidão específica dos cursos de Belas-Artes, Artes Cênicas e Música (marcados para outubro) apenas em Belo Horizonte. "Com isto, a Copeve evita deslocar equipes de examinadores para outras cidades para avaliar, em muitos casos, apenas um candidato, pois a procura por esses cursos é muito pequena no interior", esclarece Nagib. Mas, a primeira etapa - comum a todos os candidatos - será realizada na cidade escolhida pelo concorrente.

## Professor da Física é o novo coordenador

O professor José Guilherme Moreira, do departamento de Física do ICEx, é o novo coordenador geral da Comissão Permanente do Vestibular (Copeve). Membro da Copeve desde 1994, Moreira assumiu a nova função em substituição ao professor Antônio Zumpano, que ficou quase três anos no cargo.

Graduado pela UFMG, Moreira é mestre e doutor em Física também pela Universidade. Antes de ser nomeado, coordenou o Colegiado de Graduação do curso de Física.

Outra novidade é a criação da Coordenadoria Operacional do Vestibular, que será ocupada pela professora Audrey Heloísa Ivanenko, do departamento de Biofísica do ICB. "Com esta divisão, sobrarão mais tempo para o coordenador geral cuidar de aspectos acadêmicos do Vestibular", explica Moreira.

Eber Faóli



## Projeto de segurança preserva áreas verdes

O Departamento de Planejamento Físico e Obras (DPFO) da UFMG alterou alguns pontos do projeto do novo sistema de segurança do campus Pampulha, como forma de pre-

servar espaços verdes da Universidade. A principal mudança refere-se às obras a serem executadas na entrada da Avenida Carlos Luz, onde haverá duplicação da pista principal, instalação de cancelas e câmeras eletrônicas, além da construção de pórticos e de

rotatória. O maior problema do local está na elaboração do novo caminho de acesso à Escola de Educação Física, que só poderá ser viabilizado depois da retirada de algumas árvores que circun-

dam a Unidade. O primeiro projeto implicava a derrubada de muitas árvores, incluindo mangueiras com décadas de vida. Para solucionar a questão, o novo plano diminuiu pela metade o número de cortes. A via ganhou curvas, com o objetivo de se desviar das áreas de maior concentração arbórea.

O projeto assegura ainda que só serão cortadas árvores de pequeno e médio portes. "O mais significativo é a preservação das mangueiras", ressalta Eduardo Roscoe, engenheiro do DPFO. Após o término das obras, previsto para julho, serão plantadas mudas nas entradas da avenida Carlos Luz e Abrahão Caram. São cerca de 80 árvores de 24 espécies, como Ipês, Flamboyants, Perobas, Mognos, Quaresmeiras e Jacarandás. O projeto foi submetido à apreciação da Comissão de Meio Ambiente da UFMG, que poderá apontar a necessidade de novos ajustes.

# Música confirma vocação extensionista

Escola, que está fazendo 75 anos, abriga cerca de 500 alunos de extensão

Alexandre Reis de Miranda

Quem observa a produção e a trajetória da Escola de Música, que comemora 75 anos esta semana, já deve ter percebido a sua vocação extensionista. Uma das marcas registradas da Unidade, que possui cerca de 500 alunos matriculados em seus cursos de extensão, é a inserção permanente em todos os cantos da Universidade e na comunidade externa, através dos recitais, concertos e audições apresentados por seus grupos musicais, como a Gerais Big Band, a Orquestra Sinfônica, o Coro de Câmara e o Grupo de Percussão.

Alguns deles, como o Centro de Musicalização Infantil, tentam suprir até carências estruturais. "Em muitos países desenvolvidos, a música acompanha a alfabetização das crianças. No Brasil, as escolas públicas quase não têm música em seus currículos e muitas particulares que oferecem atividades na área cobram uma taxa além da mensalidade", relata o diretor da Escola, Cláudio Urgel Cardoso. Para a vice-diretora, Maria do Carmo Campara, a música ajuda a criança a enxergar o mundo de modo mais abrangente. "Alguém que, na infância, teve contato com a atividade musical, tem um raciocínio diferente e maior capacidade de concentração", afirma.

Um dos mais recentes trabalhos desenvolvidos pela Escola de Música beneficia comunidades carentes da região do Alto Taquaril. Duas bolsistas de extensão levam a música a 50 crianças e suas mães, aproveitando a capacidade dos sons de sensibilizar as pessoas. A iniciativa, segundo o professor Anor Luciano Júnior, coordenador do Centro de Extensão, já vem dando resultados. "Algumas mães já declararam que a atividade deixou as pessoas mais abertas ao diálogo".



Fotos: Eber Faol

Maria do Carmo e Cláudio Urgel: erudito versus popular

## Um eterno conflito

Há alguns anos, a introdução de atividades ligadas à música popular foi motivo de desavenças entre professores da Escola de Música. A vice-diretora Maria do Carmo Campara conta o caso de duas professoras que protestaram contra a apresentação de música popular de um docente, que, além da academia, vivia de "tocar na noite". Com esse exemplo, ela mostra que a incorporação da música popular à Escola teve seus lances conflituosos.

Depois de superar as resistências em relação à música popular, a Unidade vive uma dificuldade quase oposta. Muitos alunos, com relativo conhecimento musical, já não

demonstram interesse pelas composições eruditas. Tanto que um dos integrantes da banda mineira Jota Quest foi jubilado por excesso de faltas. "Os alunos até reconhecem que seus trabalhos ganham qualidade com o suporte da música erudita, mas acabam esbarrando no seu elevado nível de exigência técnica", explica Maria do Carmo.

O diretor Cláudio Urgel parece não se importar com este eterno conflito. Para ele, a obrigação da Escola é formar músicos. A decisão de qual vertente seguir é "uma opção pessoal". "Nossa responsabilidade transcende a formação de músicos para as grandes gravadoras. Sem o conservatório, quem tocaria Beethoven?", pergunta Urgel.

## Acordes no campus

Desde janeiro de 1997, o campus Pampulha abriga a música produzida pela Universidade num prédio de 4.572 metros quadrados, próximo à Escola de Belas-Artes. A antiga edificação, localizada na avenida Afonso Pena, tinha uma área construída quatro vezes menor. "O antigo prédio (que vai abrigar o Conservatório UFMG) já não dava conta da demanda gerada pelo curso", recorda-se Cláudio Urgel. Além disso, o tumultuado centro da cidade não era mais um local ideal para o estudo da música.

A mudança para o novo prédio foi liderada pela ex-diretora da Escola, Sandra Loureiro de Freitas Reis. Junto com o professor Ney Assumpção Parrela, ela recebe, nesta sexta-feira, dia 28, o título de professor emérito da Unidade. A Escola de Música conta com 224 alunos na graduação - distribuídos em 19 habilitações - e 30 músicos nos cursos de pós-graduação.

A Escola de Música foi criada, em 1925, com o nome de Conservatório Mineiro de Música, vinculado ao Governo Estadual. Funcionou provisoriamente no Parque Municipal e, em seguida, na avenida João Pinheiro, até ser transferida para a sede da avenida Afonso Pena, onde permaneceu até 1997.

Em 1950, o Conservatório foi federalizado e, em 1962, incorporado à UFMG. Dez anos depois, passou a se chamar Escola de Música.

# Engenharia desenvolve novo sistema de tratamento de esgotos

Combinação de técnicas garante a eliminação de mais de 90% de resíduos orgânicos das águas do Arrudas

Alexandre Reis de Miranda

Os departamentos de Engenharia Sanitária e Ambiental e de Engenharia Eletrônica da Escola de Engenharia desenvolveram um método de tratamento biológico de esgotos, capaz de eliminar mais de 90% dos resíduos orgânicos lançados nas águas do Ribeirão Arrudas. Esse resultado foi alcançado graças à combinação das técnicas dos sistemas aeróbio e anaeróbio de purificação. Os testes são feitos com parte do esgoto coletado na rua Guaicurus, no centro de Belo Horizonte.

“O uso das duas técnicas reduz os gastos com ventilação e as áreas ocupadas pelas estações de tratamento”, explica a professora Carmela Maria Polito Braga, do Departamento de Engenharia Eletrônica, e autora de tese de doutorado que cria o novo sistema de purificação de esgotos.

## Vantagens

O sistema compacto tradicionalmente usado no tratamento do esgoto, denominado aeróbio de lodos ativados, precisa passar por um pré-tratamento e requer o uso de um tanque sedimentador, além de constante oxigenação. “Ao combinar os métodos, produzimos um sistema barato e viável para as cidades”, garante Carmela Braga. Além da tese da professora - responsável pela parte de automação do sistema - o estudo gerou sete dissertações de mestrado.

Os maiores avanços propiciados pela experiência são a automação do proces-



Carmela Braga: processo automatizado

so de tratamento, que necessita ser monitorado 24 horas do dia, e o controle dos sólidos e lodos que entram e saem da estação. Ao todo, foram gastos R\$ 10 mil no desenvolvimento da estação. Para Carmela Braga, as chances de o sistema ser bem-sucedido em estações maiores são grandes, bastando “apenas alguns ajustes”.

A estação é composta, basicamente, por um computador PC, um sistema de aquisição de dados, dois medidores de concentração de sólidos suspensos, além das bombas, tanques, válvulas e tubulações.

O professor Carlos Augusto Chemicharo, coordenador do Laboratório de Instalações Piloto da Escola de Engenharia, onde o sistema foi desenvolvido, informa que a combinação das técnicas aeróbia e anaeróbia barateia o custo de tratamento do esgoto. “Os gastos seriam de aproximadamente US\$ 600 mil dólares numa estação com capacidade para tratar o esgoto produzido por 10 mil pessoas. Já o método aeróbio tradicional prevê custos de

US\$ 800 mil a US\$ 1 milhão”, calcula. Esse dispendio, garante, poderá ser ainda menor se a estação for projetada para atender comunidades mais populosas.

Um dos orientadores da tese, o professor Marcos Von Sperling, do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental, afirma que o sistema é uma das melhores alternativas para se tratar esgotos em

localidades de clima quente, que necessitam de sistemas compactos. “Há outros processos simples mais adequados a locais que dispõem de grandes áreas, mas, para centros urbanos, o método é muito eficiente”, diz Von Sperling.

**Tese:** Sistema de tratamento de esgoto por processos anaeróbios e aeróbios: modelagem matemática, instrumentação e controle do processo

**Autora:** Carmela Maria Polito Braga

**Defesa:** 17 de abril, junto à pós-graduação em Engenharia Elétrica

**Orientadores:** Ronaldo Tadêu Pena (Departamento de Engenharia Eletrônica) e Marcos Von Sperling (Engenharia Sanitária e Ambiental)

## Como funciona

A técnica desenvolvida na Escola de Engenharia consiste em levar o esgoto a um reator de manta de lodo – o UASB - que retira, sem grandes gastos, cerca de 70% da carga orgânica bruta da água, através do processo anaeróbio. Em seguida, a água passa pelo processo de purificação aeróbio, que remove entre 20 e 25% dos poluentes iniciais. A água pode ser devolvida ao ambiente com um grau de purificação acima de 90%.

## Aeróbio versus anaeróbio

Os processos biológicos de tratamento de esgoto purificam a água através da digestão celular de bactérias, que aborve e digere a matéria orgânica que polui as águas. São os tipos de bactérias utilizadas nessa tarefa que diferenciam os métodos aeróbio e anaeróbio.

No primeiro caso, são utilizados microorganismos aeróbios, que realizam a digestão com oxigênio. Eles são mais resistentes a certas variáveis ambientais - como a temperatura - mas exigem a utilização permanente de ventiladores para a oxigenação do ambiente.

Já o processo anaeróbio ainda é pouco desenvolvido no mundo, já que seu uso em países frios apresenta inconvenientes. Tudo porque a atividade das bactérias anaeróbicas, que consomem a matéria orgânica sem a utilização de oxigênio, só é eficiente em temperaturas que variam de 24 a 29 °C. Esse tipo de bactéria resiste menos às variações ambientais e climáticas, mas em países de clima quente tendem a ser mais eficazes por dispensarem gastos com aquecedores e ventiladores nos reatores.

# Engenharia Mecânica projeta nova descarga para vasos sanitários

Sistema reduz consumo de água em até 50% e não danifica a tubulação

Marco Antônio Corteletti

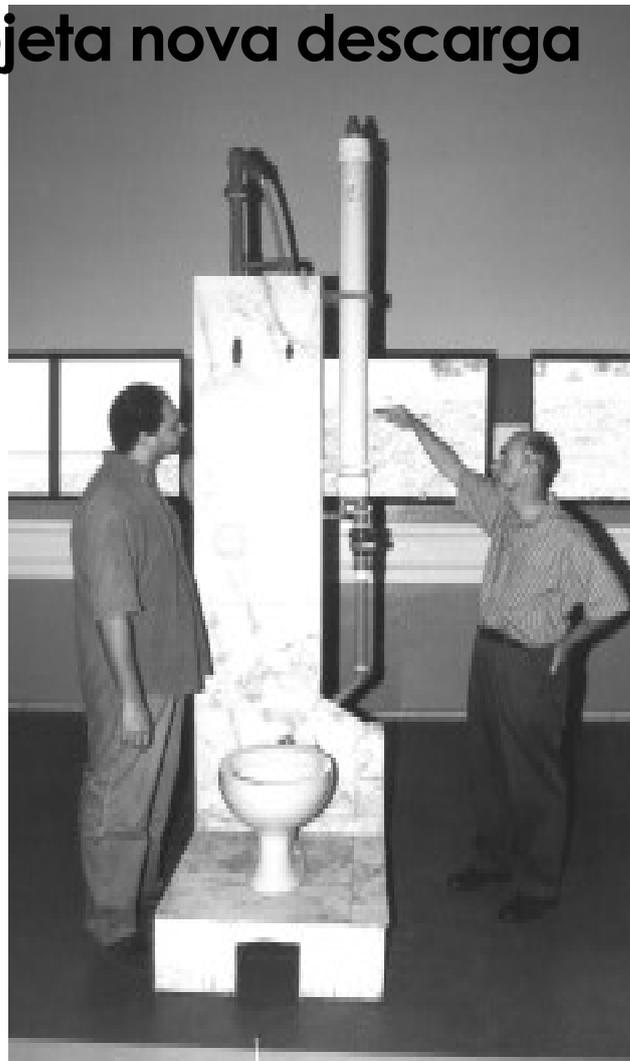
Os dois sistemas convencionais de descarga para vasos sanitários – válvula de parede e caixa acoplada – utilizados atualmente podem estar com os dias contados, graças a um projeto do Departamento de Engenharia Mecânica da Escola de Engenharia, que desenvolveu um protótipo que funciona com a mesma eficiência dos outros tipos de descarga, sem apresentar suas desvantagens.

Idealizado pelo empresário e engenheiro Carlos Frederico Vaz de Carvalho, o aparelho, denominado válvula capacitiva, foi desenvolvido durante um ano em conjunto com o professor Marcos Pinotti Barbosa, da Engenharia Mecânica. De acordo com Pinotti, os problemas do sistema mais usado, o de válvula de parede, resumem-se a um excessivo consumo de água e ao fenômeno chamado *golpe de aríete*, que acontece quando a válvula está desregulada e o seu acionamento interrompe bruscamente o movimento da água. Esta desaceleração provoca ondas de choque no encanamento que podem danificá-lo, provocando vazamentos.

Já o outro sistema, que utiliza uma pequena caixa d'água acoplada ao vaso (o reservatório padrão tem capacidade para 15 litros), não provoca o *golpe de aríete*, mas registra elevado consumo, porque o conteúdo do recipiente é liberado de uma só vez. Outro problema observado nesse sistema é o tempo excessivo que a caixa leva para encher d'água.

## Economia

Para solucionar as falhas destes aparelhos, Pinotti e Vaz desenvolveram um protótipo totalmente embutido na parede e alimentado por uma tubulação de pequeno diâmetro, permitindo a construção de redes mais econômicas. "O reservatório, cilíndrico e com capacidade para apenas seis litros, é constantemente alimentado pela rede hidráulica, o que faz com que



Pinotti e Carlos Vaz: descarga econômica e eficiente

Foto: Lisboa



Fonte: Marcos Pinotti

o recipiente seja abastecido automaticamente após cada descarga", explica o professor Pinotti. Os testes comparativos com a válvula capacitiva mostraram uma economia de água de até 50% em relação ao sistema convencional de parede (leia gráfico ao lado).

O *golpe de aríete*, garante Pinotti, também não atinge o sistema de válvula capacitiva porque foi projetado de forma que o reservatório evite o contato do vaso sanitário com a tubulação da caixa d'água. Esta separação não existe na descarga convencional de parede, o que provoca o *golpe de aríete* quando a válvula desregulada é pressionada. "No nosso sistema, há um colchão de ar dentro do cilindro que amortece a pressão causada pela desaceleração da massa de água (ocorrida quando o acionamento da descarga é interrompido abruptamente) evitando danos à tubulação", esclarece o idealizador do aparelho, Carlos Vaz. Os autores do projeto ainda estão procurando parceiros na iniciativa privada para iniciar a produção em larga escala do novo sistema.

## Comunicação Social

O Departamento de Comunicação Social da Fafich está com inscrições abertas para três cursos de extensão. As aulas acontecem no Auditório Professor Baesse, no quarto andar da Fafich.

25 a 27 de abril (inscrições até dia 24 de abril) – *Imagem Corporativa e Marketing Cultural*

8 a 10 e 15 a 17 de maio (inscrições até 5 de maio) – *Comunicação e Responsabilidade Social*

22 a 24 de maio (inscrições até 21 de maio) – *Comunicação para o Turismo*

As inscrições devem ser feitas junto à Fundep, na Unidade Administrativa II do campus Pampulha. Informações pelos telefones 499-4220/ 4253, fax 443-4252 ou pelo e-mail [eventos@fundep.ufmg.br](mailto:eventos@fundep.ufmg.br)

## Combustíveis

A Agência Nacional de Petróleo (ANP) lançou, no dia 14 de abril, em Belo Horizonte, o Programa de Qualidade dos Combustíveis de Minas Gerais. O programa será executado pela UFMG e o Centro de Tecnologia de Minas Gerais (Cetec), que ficarão responsáveis pela coleta e análise dos combustíveis comercializados pelos postos do estado. A solenidade contou com a presença da vice-reitora Ana Lúcia Gazzola e do diretor da ANP, Luiz Augusto Horta Nogueira.

Segundo a professora Vânia Duarte Pasa, coordenadora do Laboratório de Combustíveis da Universidade, a ANP vai disponibilizar cerca de R\$ 1,5 milhão para o programa em Minas só no primeiro ano de trabalho. Serão monitorados 3600 postos de gasolina de 852 municípios do estado. Deste total, caberá à UFMG avaliar amostras de combustíveis de 1.780 postos de 556 cidades.

Os resultados das análises darão suporte ao programa de fiscalização da agência. O objetivo é garantir a qualidade dos combustíveis comercializados pelos postos mineiros e possibilitar atuação mais ágil da ANP, em situações de irregularidade.

Para realizar o trabalho, o departamento de Química da UFMG está investindo R\$ 300 mil para aperfeiçoar a infraestrutura do laboratório já existente.

## Clube Atlético Mineiro

No dia 14 de abril, a UFMG e o Clube Atlético Mineiro assinaram convênio que permitirá que o Projeto Esporte Universitário (Proesp), vinculado à Escola de Educação Física, desenvolva trabalho de seleção e preparação de talentos para as categorias infantil e juvenil do clube. A assinatura da parceria aconteceu na sede do Atlético, no bairro de Lourdes, e contou com a presença de Nélio Brant, presidente do clube, e de Jurandy Gama Filho, coordenador do Proesp.

## Romance

O jornalista Otávio Ramos, da Pró-Reitoria de Extensão (Proex), acaba de lançar o livro *Pise devagar, você está pisando nos meus sonhos*, o sétimo de sua carreira literária. Segundo o autor, a obra é um falso romance policial, que traz influências das artes plásticas, do teatro, da música e, principalmente, do cinema. *Pise devagar* está sendo vendido por R\$ 16, na Livraria UFMG, Praça de Serviços e Livraria Ouvidor Savassi.

## TV Universitária

**UFMG**

Será nesta terça, dia 25, às 21h, a estréia do programa *Es-tação 15*, uma co-produção da UFMG, PUC-Minas, UNI-BH e TV Assembléia. Com uma hora de duração, o programa será exibido aos finais de semana e às segundas, terças e quintas-feiras. A primeira edição terá como tema os 500 anos de descobrimento do Brasil, assunto que será discutido em mesa-redonda pela historiadora Heloisa Starling, da UFMG, pelo professor de História da UNI-BH, Wellington de Oliveira, pelo cônsul de Portugal em Belo Horizonte, Silvino Octávio Valente Ferreira Leite, pelo índio Ailton Krenac, e pelo professor da PUC, James William. O programa também será exibido pela TV Assembléia.

Horários de apresentação do programa

### TV Universitária – canal 15

terça-feira, às 21h  
quinta-feira, às 19h  
sábado, às 17h

### TV Assembléia

quinta-feira, às 21h  
domingo, às 13h  
segunda-feira, às 23h

Gustavo Lacerda



## Ronaldo Pena assume Planejamento

O professor Ronaldo Tadêu Pena, do Departamento de Engenharia Eletrônica da Escola de Engenharia, acaba de assumir a Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento, em substituição ao professor Roberto Freitas. Graduado em Engenharia Elétrica pela UFMG, Ronaldo Pena é mestre em Engenharia Biomédica pela Coppe/UFRJ e PHD em Engenharia Elétrica pela Universidade do Texas, em Austin.

Com trabalhos de ensino e pesquisa na área de Engenharia de Controle, Ronaldo Pena foi um dos fundadores do curso de Engenharia de Controle e Automação da UFMG. Coordenou a Câmara Assessora de Tecnologia da Fapemig, presidiu a Sociedade Brasileira de Automática (1989-1991) e dirigiu a Escola de Engenharia entre os anos de 1990 e 1994.

Como pró-reitor, Ronaldo Pena afirma que sua atuação estará centrada em três eixos principais: "Vamos maximizar a articulação entre as áreas de planejamento e acadêmicas; buscar, em estreito contato com os diretores de unidades, a elaboração e execução do planejamento descentralizado; e atuar na implementação do projeto *Campus 2000*".

# Francisco Iglésias passa a limpo obra de historiadores brasileiros

Livro póstumo de intelectual mineiro foi organizado pelo professor João Antônio de Paula, da Face

Alexandre Reis de Miranda

Uma análise dos esforços empreendidos pelos intelectuais brasileiros para narrar a história do Brasil, desde o período colonial até os estudos universitários mais contemporâneos. Este é o eixo de *Historiadores do Brasil*, livro póstumo do professor Francisco Iglésias, que será lançado nesta segunda, dia 24, às 18h30, na Faculdade de Ciências Econômicas (Face). O trabalho foi publicado pela Editora UFMG em conjunto com a Editora Nova Fronteira. A obra também será lançada nacionalmente na Bienal do Livro, em São Paulo, que vai de 28 de abril a 7 de maio.

"Nenhum outro estudioso analisou tão profundamente a história do Brasil. É um trabalho especial, pois Iglésias leu, com espírito crítico, a maior parte do material produzido por outros historiadores. Ele estabelece a importância de cada texto, em cada momento da história do Brasil", conta um de seus discípulos, o professor João Antônio de Paula, organizador da obra.

Francisco Iglésias redigiu a primeira versão do estudo entre os anos de 1984 e 86, deixando-a praticamente concluída. Em 97, reiniciou os trabalhos para construir uma segunda versão, mais compacta. Entretanto, sua morte, em 98, interrompeu o trabalho, deixando cerca de dois terços do texto original sem revisão.

É aí que entra o trabalho do professor João Antônio de Paula. Ele reuniu os trechos não revisados do primeiro estudo com os textos que o professor conseguiu reescrever. "Sua obra é resultado de uma vida inteira dedicada à história

econômica, política e social do Brasil", afirma João Antônio, que se refere ao professor Iglésias como o "eterno mestre". Considerado um dos três principais historiadores brasileiros, ao lado de Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, Iglésias foi o único brasileiro convidado pela Unesco para ajudar a escrever a segunda edição da *História da Humanidade*.

Cético em relação à comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil, João Antônio diz que o lançamento da obra no mês de abril não passa de

uma agradável coincidência. Para ele, a data deve servir mais à reflexão do que para festas. "Creio que seja mais importante fazer um balanço do Brasil, para entendermos melhor nossa própria história", argumenta o professor. E o livro de Iglésias, em sua avaliação, é chave nesse processo: "É um texto muito útil para se pensar o Brasil, já que se propõe reconstituir a visão dos historiadores sobre o país".

Iglésias: análise profunda da história do Brasil

## Fafich também homenageia historiador

Além de *Historiadores do Brasil*, lançado pelas editoras UFMG e Nova Fronteira, o professor Francisco Iglésias ganhou homenagem da Fafich. O Programa de Pós-Graduação em História da Unidade acaba de criar o *Prêmio Francisco Iglésias*, que busca valorizar os trabalhos acadêmicos ali produzidos. A partir do final de 2000, a melhor dissertação de mestrado será publicada em livro pela Editora UFMG. O mesmo deverá ocorrer, possivelmente a partir de 2001, com as primeiras teses de doutorado do curso.

A professora Carla Anastasia, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História, diz que a criação do Prêmio é mais que um reconhecimento à obra do historiador. "Iglésias sempre teve ligação estreita com o curso, mesmo sem nunca ter lecionado na História. Ele foi um dos nossos consultores na criação do Programa de Pós-Graduação", explica a professora.

A avaliação ficará a cargo de uma comissão formada por professores do Departamento de História e por representantes da comunidade externa. Todos os trabalhos apresentados este ano serão automaticamente inscritos no concurso.



Divulgação

EXPEDIENTE

Reitor: Francisco César de Sá Barreto – Vice-Reitora: Ana Lúcia Almeida Gazzola – Diretor de Divulgação e Comunicação Social: Paulo Valladares  
Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5076/MG) – Projeto gráfico e diagramação: Rita da Glória Corrêa – Impressão: Imprensa Universitária  
Tiragem: 7 mil exemplares – Circulação: semanal – Endereço: Coordenadoria de Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefones: (031) 499-4186 e 499-4189 – Fax: (031) 499-4188 – End. eletrônico: [boletim@reitoria.ufmg.br](mailto:boletim@reitoria.ufmg.br) e home page: <http://www.ufmg.br> – É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.



**Boletim**  
Universidade Federal de Minas Gerais

IMPRESSO